



METODOLOGIA DE TRABALHO DE PROJETO

Sobre os projetos desenvolvidos na Escola da Ponte: O que é investigado pelos alunos fica registrado? Como? Os alunos apresentam relatório ou só definem que aprenderam em termos de objetivos propostos no planejamento quinzenal? Os conhecimentos obtidos durante o projeto são socializados com os demais colegas? Com é feito isso?

Educadora brasileira:

Não acompanhei os projetos até o final, mas acho que posso esclarecer algumas coisas.

Os projetos ganham uma maior organização a partir de alguns quadros reguladores. Depois da escolha do tema eles começam a definir os passos a serem seguidos, e fazem uma espécie de planejamento, organizando os seguintes itens: grupo de trabalho, questão inicial, utilidade do projeto, questões e palavras associadas, tarefas que gostaríamos de realizar, dificuldades que poderão surgir.

Juntamente com esse planejamento inicial, também respondem a algumas questões: Por onde vamos começar cada projeto? Como transformar as questões em tarefas? Qual a primeira questão a ser respondida?

As pesquisas ganham organização a partir de outro quadro regulador: Quem faz? Qual o prazo? Quem pode ajudar? O que vamos precisar?

Com a definição das tarefas, as investigações são compartilhadas com os outros membros do grupo do projeto. Quando eles consideram que responderam as questões, apresentam para o "grupão". Não assisti nenhuma apresentação, mas algumas alunas me explicaram que poderiam apresentar de diversas formas: seminário, dramatização etc.

Gostaria que nos relatasse sobre o PLANEJAMENTO das atividades: quando e como é feito? Quem faz parte? Como elegem os conteúdos e as estratégias de trabalho?

Professor:

Os alunos é que têm de fazer o planejamento. Nós discutimos alguns casos que nos preocupam mais, mas as coisas são decididas por eles. Existe uma grande abertura curricular e, apesar de o programa do ministério ser referência, não é uma "bíblia".

Nas tarefas desenvolvidas com toda a escola durante uma quinzena (eleição da Assembleia, reformulação dos Direitos e Deveres etc.), nós apresentamos, por vezes, algumas sugestões, mas são sempre e apenas sugestões.



No início de cada ano letivo os alunos, por vontade própria, constituem um grupo para eleger o professor tutor. Gostaria que falasse mais sobre a formação desse grupo de alunos...

Pai de aluno:

Os alunos não constituem um grupo para eleger o professor tutor. Cada aluno escolhe um professor com quem simpatiza mais, com quem se identifica melhor, ou com quem poderá ter desenvolvido em anos anteriores alguma empatia, para ser o seu tutor.

Na Ponte, quando as crianças são "autônomas, solidárias e responsáveis", podem escolher o que vão estudar (baseado no currículo nacional), mas também de que maneira irão estudar (livros, internet, experiência laboratorial, entrevista, aula direta etc.). Peço que comentem o que consideram ser necessário e de que maneira trabalham com as crianças para que adquiram esta capacidade (autonomia) de poder optar pela forma como irão trabalhar os conteúdos.

Professora:

A autonomia é uma competência que se vai construindo e desenvolvendo ao longo de todo o percurso do aluno pelos diferentes núcleos: Iniciação, Consolidação e Aprofundamento. Essa autonomia não se restringe ao modo como os alunos escolhem trabalhar os conteúdos numa determinada valência, mas estende-se a outros aspetos relacionados com o processo de aprendizagem (planejamento, avaliação...).

Antes mesmo de escolher como quer trabalhar, o aluno aprenderá a gerir de forma equilibrada o seu plano de estudos, coadjuvado pelo professor-tutor e demais orientadores educativos. O aluno também encontra afixado nos murais os conteúdos que pode trabalhar, bem como sugestões de atividades que pode realizar. De modo a concretizar os seus planeamentos, sem que para tal dependa do professor, terá que dispor de recursos adequados e diversificados, permanentemente acessíveis. A variedade de fontes é importante já que, a meu ver, mantém/promove a motivação dos alunos. Os meios/estratégias de aprendizagem variam em função dos conteúdos em estudo: livros, computadores, realização de experiências, utilização de materiais manipuláveis...

Como professora de Língua Portuguesa e Inglês, procuro estar atenta às necessidades e interesses dos alunos e, em função do que estes manifestam, construo e/ou disponibilizo materiais. No caso da aprendizagem da Língua Inglesa, apercebi-me, por exemplo, do gosto dos alunos pela leitura de short-stories, o que me levou a fazer uma recolha de pequenas histórias, através das quais estes podem trabalhar todas as competências previstas (Listening, Speaking, Reading, Writing). A



construção de ficheiros de consulta e correção é também uma estratégia de promoção de autonomia nos alunos.

Trabalhando mais diretamente com o núcleo da Consolidação, constato, porém, que a autonomia dos alunos é relativa, não pela ausência de recursos, mas, sobretudo, pela sua fragilidade no que se refere à sua competência de leitura, uma das questões sobre as quais temos refletido.

Como é feita a introdução da metodologia da Escola para uma nova turma? Há um planejamento inicial dos professores, que, além de considerar objetivos atitudinais, contempla alguns conteúdos básicos, como ponto de partida para a aprendizagem?

Pai de aluna:

Como não existem turmas, não existe algo como "uma nova turma". Há crianças, cada uma num momento de vida, com um determinado grau de desenvolvimento e autonomia. Elas são acolhidas em núcleos, de acordo com as suas características.

O tempo todo, os professores planejam. Toda semana há uma reunião geral da equipe de professores, para planejamento, análise de casos e situações, encaminhamentos de providencias. O planejamento não se limita ao período inicial.

Tenho duas perguntas para fazer. Uma delas é sobre a questão da motivação dos alunos frente a um estudo, projeto de trabalho. Normalmente os professores ao iniciarem um projeto levam em conta o interesse do grupo bem como seus conhecimentos a respeito do tema proposto? E como é iniciado um projeto? Vocês levam em consideração o que os alunos já sabem, seus conhecimentos prévios? Como é feita a escolha do tema? Vocês poderiam explicar melhor como é feita a auto-planificação? Vocês têm indicação de outros textos a respeito deste tema, que é muito rico e gera muitas discussões no dia-a-dia das escolas?

Professor:

Quase sempre, os projetos partem das perguntas que, livremente, os alunos fazem. Poderão ser projetos relacionados com a escola, com a envolvente com o país, ou com o mundo (vivemos na aldeia global). O papel do professor é múltiplo: estimula no aluno o aprofundamento do desejo e a explicitação da necessidade ou interesse; apóia na análise dos objetivos, para que sejam exeqüíveis; verifica se o projeto se adequa ao nível de desenvolvimento que o aluno manifesta; colabora na elaboração do plano inicial, na elaboração de protocolos de pesquisa, na seleção de meios e critérios de avaliação do projeto...



Os projetos que partem dos alunos, para gerarem aprendizagens significativas, raramente partem de "temas". São suscitados por interrogações.

A auto-planificação é uma das capacidades básicas dos alunos e consiste na redação quinzenal de objetivos, atividades e enunciado de estratégias e recursos. O plano quinzenal é re-escrito diariamente, em conformidade com as alterações que se justifiquem, quando são acrescentados novos conteúdos (pertinentes com o que está sendo estudado), quando são repensados os objetivos, quando algumas descobertas provocam mudança de rumo...

Poderia deixar aqui uma longa lista de obras e autores. Limitar-me-ei a alguns autores. Facilmente se encontrará na Internet referências às suas obras. Não concordo com as perspectivas de alguns deles. Mas prefiro que leiam uma variedade de orientações, do que se subordinem àquelas que eu perfilho. Nesta breve bibliografia, tentei incluir o máximo de autores brasileiros: Miguel Arroyo, Moacir Gadotti, Gimeno Sacristan, Stenhouse, William Kilpatrick, Cipriano Luckesi, Pedro Demo.

Mas não se leia apenas os autores acima citados. Antes e depois deles, que se leia Freire, Morin e outros... Tudo na vida está ligado. E a questão do planejamento não poderá ser estudada isoladamente.

É muito interessante o estudo pela pesquisa, pois aguça a curiosidade e também este esquema de tutoria e ajuda pelos colegas incentivando a solidariedade, através da ajuda dos que sabem para os que têm dúvida. Como é feito o controle dos conhecimentos adquiridos através das pesquisas realizadas?

Professor:

Os nossos alunos terão de efetuar um Exame Nacional nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática. Como os nossos alunos não estão acostumados com a formalidade deste tipo de teste, nem com os meandros do processo deste gênero de avaliação externa, temos tentado auxiliá-los no aperfeiçoamento da gestão de tempo, na apropriação de mecanismos de sobrevivência honesta (a um tipo de prova que nem deveria existir).

Suponho que não poderei deixar de referir a relevada importância de determinados dispositivos no campo da autonomia. Trabalhamos com grupos, normalmente, de três alunos. Os grupos são heterogêneos, o que, claramente, favorece a entre-ajuda. Há que colocar a tônica em vários procedimentos, já até ritualizados pelos alunos e passo a exemplificar: sempre que um deles se defronta com uma dúvida, deverá questionar os elementos do seu grupo de trabalho sob o intuito de resolver esse seu desafio; não obtendo auxílio pelas mais distintas razões, procurará solução nos diversos livros didáticos que tem ao seu dispor. Finalmente, se nada do anteriormente exposto resultar, pedirá auxílio ao orientador educativo. Este, se verificar que a questão que o aluno coloca

não a poderá resolver sozinho, orienta-o para uma pesquisa mais aprofundada ou lhe indica livros mais claros sobre essa matéria. Se a dúvida persistir, o aluno tem direito a solicitar uma “aula direta” sobre o assunto em causa, utilizando para o efeito o “Preciso de Ajuda”. Tendo consultado este dispositivo, se o orientador educativo concluir que a dúvida assalta vários alunos, convida-os para a tal aula direta, na qual ele explorará a questão e o como chegar à resposta. Quando um aluno não tem dúvidas e já interiorizou a aprendizagem, usará um outro dispositivo: o “Eu já sei”.

Quando um aluno não sabe um determinado conteúdo e outro se oferece para ensinar; há algum controle para saber se o que aquele que não sabia aprendeu e se o que está ensinando conseguiu passar a informação corretamente?

Professor:

Na Escola da Ponte existe um dispositivo denominado "Posso Ajudar Em", no qual os alunos que dominam alguma temática colocam o seu nome e o assunto. Este dispositivo permite a um aluno que tenha alguma dificuldade poder solicitar ajuda junto do colega que já domina esse assunto. Posteriormente, o aluno que precisou de ajuda irá ser avaliado e o orientador educativo saberá se a ajuda funcionou verdadeiramente.

Um aluno só se inscreve no "Posso Ajudar Em" após um orientador educativo ter reconhecido que ele verdadeiramente domina a temática, e que tem potencialidades para ajudar o colega.

Professor:

Existe, também, o trabalho de grupo e a ajuda em pequenas coisas (mesmo pequenas), que ocorrem todos os dias, a quase todas as horas. Executar um determinado exercício, numa circunstância quotidiana, ou responder a uma questão, é mais simples do que explicar a forma como se resolve o exercício ou explicar o porquê da resposta. Assim, quando alguém explica algo a alguém, está a aprender (solidariamente).

O que acontece quando um aluno escreve no "eu já sei", mas o tutor discorda dele e acredita que ele ainda não está dominando tal assunto? O que acontece se o aluno não demonstra motivação pelo plano quinzenal e quer iniciar uma nova pesquisa? Como ele é avaliado? São os tutores que escrevem o relatório anual? Para todos os alunos? Além desse relatório, que outras formas de *feedback* os alunos recebem: recados, conversas? Faço esta pergunta porque acho que mesmo um aluno autónomo gosta de ver reconhecido por seu mestre o seu trabalho.



Professor:

Quando o aluno escreve no "Eu Já Sei" algo que pensa saber, mas não domina, um professor conversa com o aluno. Pode ser o tutor a assumir esse papel, mas não é muito freqüente tal acontecer.

Não faz muito sentido o aluno não demonstrar motivação pelo Plano da Quinzena, uma vez que é o mesmo aluno que o constrói. Acontece de o aluno chegar a um ponto em que já não está muito motivado para uma determinada aprendizagem (que ele próprio escolheu) e quer "desistir" da mesma. Nestes casos, será prudente (mais uma vez) negociar com ele, no sentido de assegurar que tal aconteça, ou, pelo menos, que não aconteça com muita freqüência.

Cada Professor Tutor deve elaborar um relatório anual, onde estejam contemplados vários pontos de interesse, não só do trabalho realizado pelo aluno ao longo do ano, mas também o seu relacionamento com professores, colegas, auxiliares, uma pequena abordagem ao contexto familiar, eventuais

problemas de saúde, toda a informação que tenha relevância para o seu percurso escolar.

No final de cada quinzena, o tutor dá o seu parecer - existe um espaço para isso no plano da quinzena -, acerca da qualidade do trabalho do seu tutorado. Esse parecer é muito importante, como disseste, para o ego do aluno, mas também para que os encarregados de educação possam ficar com uma ideia muito clara do trabalho dos alunos. Isto, para além da própria auto avaliação realizada pelos alunos.

No plano da quinzena também existe um espaço para que os encarregados de educação possam entrar em contato com a escola e, em especial, com o professor tutor.

Seria importante que pudessem ter uma cópia do plano da quinzena com que trabalhamos. Ajudaria a esclarecer muitas das vossas dúvidas.

Professor:

Além do que o Freitas refere, a avaliação (e aqui não só a do "Eu já sei", mas todas as avaliações, ainda que informais) serve também para os alunos encontrarem novos pontos de interesse, novos desafios. E, em alguns casos, para nós pensarmos também em propostas a apresentar.

Como são arrançados os grupos de trabalho?

Ex-aluna:



Tentarei dar o meu melhor para responder à pergunta por si colocada, uma vez que já não frequento a Escola da Ponte e, com o passar dos anos, alterações devem ter sido feitas. Contudo estou atualizada até à dois anos atrás.

Normalmente, os grupos eram constituídos por alunos de diferentes anos de escolaridade. Ou, então, com diferentes níveis de aprendizagem. Num grupo, as idades poderiam ser diferentes (os meninos da primeira vez, ou primeira série, como costumam dizer aí, não faziam parte dos grupos), ou então, tendo a mesma idade, havia um aluno com mais facilidade de aprendizagem em relação aos outros. No início, eram atribuídas cores aos alunos e cada cor, vim a descobrir mais tarde, estava de acordo com as nossas capacidades cognitivas e espírito de entre-ajuda. Esta distribuição aconteceu de modo a haver um equilíbrio entre grupos. Depois era-nos dado tempo para formarmos um grupo e tínhamos de respeitar certos critérios: um aluno com cor amarela, por exemplo, não podia fazer par com outro da mesma cor, mas sim com um de cor vermelha e assim sucessivamente até o grupo ter o número de membros necessários ao seu funcionamento.

Entendi que os assuntos não se encerram enquanto ainda houver interesse e curiosidade por parte dos alunos. Porém gostaria de saber se há um currículo básico a ser trabalhado, há “assuntos”, “matérias”, “competências” que não podem deixar de ser aprendidos pelos alunos? Como isso é garantido? Pais e alunos avaliam periodicamente este trabalho? Que instrumentos são utilizados para garantir o aprendizado? Talvez eu tenha que desaprender muitas coisas, desculpe!

Ex-aluna:

Não tem de pedir desculpa por nada, pois ninguém é obrigado a entender tudo ou mesmo saber tudo sobre a Escola da Ponte. Até mesmo eu, que lá andei durante nove anos, muitas vezes me interrogo sobre o seu funcionamento!

Todos os anos o Ministério da Educação elabora uma listagem das matérias a serem lecionadas nas escolas de todo o país e, como tal, todas são “obrigadas” a cumpri-la. A Ponte não é exceção, e para que o objetivo do Ministério seja atingido é necessário haver alguém que se responsabilize em especial por grupos de alunos, de forma a acompanhar mais pessoalmente o seu desenvolvimento e estudo. Para tal, foram criados os “grupos de tutoria”, assim como os “planos da quinzena”.

Os grupos de tutoria são formados por um pequeno conjunto de alunos e por um tutor (professor). Este tem a função de ver a evolução do aluno, durante os três períodos que constituem o ano letivo. Em certas situações, assemelha-se a um pai, pois a ele cabe a tarefa de incentivar ao estudo, de ouvir, de ajudar, de controlar e de “resmungar”!



Atenção: ao dizer que se assemelha a um pai, não quero dizer que se torna um pai, visto que a ação dos pais é fulcral na vida de um aluno! Apenas quero referir que o tutor torna-se responsável por nós na escola, sendo ele a quem os pais recorrem para obterem respostas quanto ao desempenho escolar do filho.

O plano da quinzena desempenha também uma função muito importante: a de organizar o nosso estudo. É lá que escrevemos o que nos propomos estudar durante aquele período de tempo. Normalmente, esforçamo-nos por cumprir os nossos objetivos dentro do tempo acordado, contudo se houver necessidade, estes podem “alastrar-se” durante mais uma quinzena.

Este plano torna-se uma ajuda para o tutor que, nas reuniões de tutoria, atualiza os seus dados sobre o estudo do seu pupilo, vendo se este tem cumprido com as suas tarefas.

Estive na Ponte, há alguns anos atrás, e fiquei realmente impressionada com o nível de autonomia dos estudantes. A visita gerou também algumas dúvidas em relação ao preparo acadêmico para seguir ensino superior em determinadas disciplinas da área de ciências. Após a experiência da Ponte, você acredita que os alunos estão preparados para seguir estudando em qualquer área do conhecimento, inclusive na área de ciências e outras áreas mais técnicas? Como foi sua entrada para o meio acadêmico tradicional? O que foi preciso alterar na sua forma de estudar/agir, para se adaptar a uma nova cultura?

Ex-aluna:

Saí da Escola da Ponte há dois anos e encontro-me a frequentar o ensino secundário. Dentro de um ano, se Deus quiser, entrarei para a universidade. O curso que frequento é o de ciências e tecnologias. Sinceramente, acho que saímos da Escola da Ponte tão bem preparados como sairíamos de outra escola qualquer! Digo isto porque, na realidade, a experiência é totalmente nova e diferente para qualquer aluno, vindo ele da escola que vier, pois teremos de encarar estes três anos que nos são apresentados com mais responsabilidade e empenho. Em relação ao conhecimento, o programa estipulado pelo ministério está na sua grande maioria cumprido por nós, na Ponte, ou mesmo ultrapassado, assim como as bases estão fortalecidas no final do 9º ano de escolaridade.

Desejo vir a seguir medicina e não penso que o fato de ter estudado na Escola da Ponte me prejudicou. Antes pelo contrário, a autonomia que me foi “incutida” apenas trouxe consigo vantagens, visto que, conforme avançamos no ensino, cada um depende só e apenas de si e das suas capacidades! Em relação aos conteúdos, sinto que estou equivalente aos meus colegas que frequentaram uma escola de ensino “tradicional”.



Para responder um pouco à sua questão da adaptação ao ensino “tradicional”, deixarei aqui a minha resposta dada a uma pergunta colocada a uma colega sua de profissão. Espero que não se importe... “Na Ponte as crianças estudam de uma maneira muito diferente da que outras crianças estudam em outras escolas mais tradicionais. Quando um aluno da Ponte termina os seus anos de estudo na escola e vai para outra escola, não sente muita diferença? É difícil um aluno recém-saído da Ponte adaptar-se a uma escola tradicional?” Quando um aluno sai da Escola da Ponte e integra uma escola de ensino considerado “tradicional”, a principal diferença que sente é na relação “professor aluno”.

Enquanto na Escola da Ponte há uma relação quase familiar, partilhando os problemas, as dificuldades, tanto a nível educativo, como a nível pessoal, nas outras escolas esta relação está quase extinta. O professor é tido como uma entidade de respeito absoluto, inquestionável, com o qual seria impensável muitas vezes trocar experiências. A aula, em si não deixa tempo nenhum para conversas alheias, sem que isso prejudique o cumprimento do “Programa educativo”, da mesma forma que quando esta termina com o som de uma campainha (pequeno instrumento que faz lembrar os homens de que parte de si é animal e que, como tal, não tem capacidade suficiente para cumprir os seus horários sem que, para isso, tenha de ser constantemente avisado!), o professor se desloca para uma sala “interdita” a alunos, e estes vão para o recreio, não havendo espaço para a confraternização, tão característica da Escola da Ponte.

Quanto ao ensino, tenho a dizer que a adaptação não é de todo difícil, isto porque a vida é-nos facilitada pelo professor que, todas as noites, tem o trabalho de preparar as aulas de forma a que não possam restar dúvidas quanto à matéria lecionada. Desta forma, os alunos nada mais têm a fazer se não limitar-se a copiar o que o professor escreve no quadro e, como é óbvio, tentar compreender o que está a estudar. Caso sinta que gostaria de aprofundar o seu estudo, esta situação é-lhe negada, restando-lhe apenas duas opções: estudar por si próprio ou esperar pelo ano letivo seguinte! Isto nunca aconteceria na Escola da Ponte, uma vez que negar o aprofundamento do conhecimento não é, de todo, uma boa filosofia!

Um dos muitos aspectos positivos de ter estudado na Escola da Ponte (eu sei que estou a ser muito parcial, contudo depois de ter tido a graça de fazer parte de tão maravilhoso projeto, não posso deixar de vangloriá-lo!) é a autonomia que esta nos proporciona. Noto que, em relação aos meus colegas atuais, eu tenho mais facilidade em realizar trabalhos de grupo, estudar individualmente e, caso surja alguma dúvida, procurar resposta para ela, sem que para isso tenha de recorrer imediatamente ao professor, sendo, desta forma, muito menos dependente do mesmo, quando comparada com eles. A maior diferença que sentimos é mesmo nos “testes”. Não pelo que são, mas pelo próprio nome. Só de o ouvir, os alunos “tremem por todos os cantos”! O problema reside no fato de estes se realizarem, quer os alunos estejam preparados, quer não.



Na Escola da Ponte, os “testes” denominam-se “avaliações” e são encarados de forma mais natural, sem tanto estresse, nem mesmo “pressão”. A estes não são atribuídas cotações, que são depois expostas, para que toda a escola tome conhecimento da inteligência e dificuldades de cada um... A minha fase de adaptação ainda está no princípio, devido às saudades e dificuldades em aceitar que a Ponte apenas reside no meu coração. Quanto ao resto não há nada mais fácil, acredite!

Sempre todos os alunos estão a pesquisar algum tema? Ou seja, depois de 15 dias, acaba o tempo daquela pesquisa, então, logo em seguida, já começa outro? Como os temas são escolhidos? Como exemplo, nos conta sobre os dois ou três últimos temas que vocês pesquisaram.

Vocês utilizam bastante a Internet como fonte de pesquisa. Então, imagino que o acesso aos computadores seja bastante freqüente. Como é organizado o acesso, para que todos consigam utilizá-lo?

Ex-aluna:

É realmente uma pena não ter tido a oportunidade de ver com os seus próprios olhos o sonho tornar-se realidade, contudo tenho a esperança de um dia destes a ver visitar a escolinha que um dia foi minha!

Infelizmente, não vou poder responder à sua pergunta sobre os últimos temas que estudei, pois, por infortúnio meu já não estudo na Escola da Ponte. Porém tenho a certeza de que os meus colegas a poderão ajudar nesse campo.

Os temas a estudar têm um período mínimo 15 dias para serem cimentados e um “máximo” de 30, isto porque por muito cativante que objetivo seja, o seu estudo prolongado a um mês já leva consigo alguma preguiça...! Quando acabamos o estudo da “matéria” escolhida, logo outra nos é proposta, uma vez que nove meses de trabalho são muito pouco para tanta coisa nova a aprender. Não sei se continua a ser assim, contudo os temas a aprender eram escolhidos pelos alunos, de acordo com os seus gostos e preferências em cada disciplina. Não obstante, todo o programa proposto tinha de ser estudado, a ordem é que era aleatória, de acordo com cada aluno.

A internet é, sem a menor das dúvidas, um instrumento essencial ao estudo, porque permite-nos estar sempre atualizados, e a área de busca de informações é muito mais ampla. Normalmente, pelo menos nos meus anos de Ponte, não havia qualquer critério a coordenar as idas ao computador; sempre que era necessária a sua utilização, bastava deslocar-nos ao computador, dar largas à curiosidade e pesquisar!



É realmente emocionante vê-la relatar, com paixão, sua passagem pela Ponte. Fico a imaginar que você, durante aqueles nove anos dourados, tinha horário para entrar sem, contudo, horário para sair da escola. Conte-nos um pouco sobre isso. Os alunos ficam à vontade para desenvolver pesquisas na Escola da Ponte fora do horário mínimo de atividades? Desejo-lhe felicidades nesta nova etapa de sua vida. E, se me permite, satisfaça-me ainda uma curiosidade: não te vem de vez em quando a idéia de, um dia, trabalhar nessa escola que tanto amas?

Ex-aluna:

Não fazia ideia de que conseguia transparecer a paixão que em mim mora pela escola da Ponte! Fico, contudo, muito contente por ver que o faço e que de certa forma está a ser bem apadrinhada por aqueles que leem as minhas respostas. Acreditem que não são nada mais do que verdades. Porém, tenham também presente a ideia de que mesmo as rosas têm os seus espinhos!...

O meu grande problema desde sempre foi gostar em demasia da escola, não de qualquer uma, mas da Ponte! Os meus pais tiveram muitos problemas comigo no jardim infantil, pois a adaptação nunca chegou a acontecer realmente. Porém, assim que entrei na Escola da Ponte, o grande problema tornou-se a “desadaptação” à escola! Ansiava por entrar e desejava nunca sair! A escola era quase uma casa, mas como não era uma casa, tinha horas para fechar... Contudo, nunca nos era negado o desenvolvimento de atividades escolares (pesquisas, trabalhos...) após o horário escolar “obrigatório”. Além do mais, a escola tinha projetos de atividades extracurriculares a serem desenvolvidos para aqueles cujos pais não tinham possibilidade de irem buscar os seus filhos à hora de término “das aulas”. Desta forma, a escola encontrava-se aberta e a possibilidade de ficar lá um pouco mais a saciar a curiosidade era-nos providenciada.

A ideia de trabalhar na escola da Ponte várias vezes ocupou o meu pensamento. Porém, a vida de professor no nosso país já teve melhores dias e, como o ensino não é de todo a minha vocação, deixo-o àqueles que, muito melhor do que eu, o praticam! Contudo, estarei sempre por perto, para apoiar em qualquer situação.

Gostei da sua descrição de um dia na Ponte e fiquei curiosa. Você diz: "Todos os dias de manhã planificávamos o nosso estudo, ou seja, escolhíamos as disciplinas que iríamos trabalhar durante o dia." Ao escolher, por exemplo, a disciplina de Geografia, quem define o conteúdo/assunto/tema que irão estudar no dia? Vocês trabalham com projetos? De quem é o projeto, ou seja, quem define o que vai estudar, as estratégias?

Você também diz que: "No grupo, cada um trabalhava ao seu ritmo e todos tinham objetivos diferentes para atingir". Esses objetivos são definidos por quem?



Ex-aluna:

Fico contente por saber que posso ajudar. No que diz respeito às suas dúvidas espero poder ajudá-la a compreender melhor o funcionamento da Ponte.

Nós temos uma lista de objetivos a cumprir durante o ano, em cada disciplina. Quando passamos um objetivo, escolhemos imediatamente outro da lista. Escolhemos quais os assuntos que iremos estudar em cada disciplina. Somos também aconselhados pelos professores, mas, no geral, somos nós que escolhemos o que iremos estudar.

Trabalhamos com o projeto que é escolhido pelo grupo. Todas as estratégias são também escolhidas por nós. Claro que o projeto é escolhido de acordo com os nossos objetivos. Somos nós que escolhemos os nossos objetivos, seguindo uma lista de objetivos que temos de atingir durante o ano.

Quero agradecer por ter descrito seu dia-a-dia na Ponte. Quando você saiu? Você está para fazer faculdade? A Ponte te preparou em termos de conhecimento científico das disciplinas?

Ex-aluna:

Não tem que agradecer. Fico feliz por poder responder às vossas dúvidas.

Saí da Ponte no ano que passou, ou seja, este é o meu primeiro ano fora da Escola da Ponte.

Quero fazer a faculdade. E a Ponte preparou-me bem preparada. Acho que fez um bom trabalho. Admito que não foi fácil adaptar-me aos métodos de ensino da minha nova escola, mas quanto às disciplinas não me posso queixar. Não tenho sentido dificuldade em compreender a matéria e acompanhar as aulas.

Quantos anos tens? Com quem e onde moras? Quem quis te matricular na escola da Ponte e por quê? Há quanto tempo saíste da Escola da Ponte? Por quanto tempo estudaste lá? Se estavas em outra escola antes, qual a diferença que sentiste? O que tu fazes hoje? Ainda estudas? Onde? Quais os teus planos futuros? A Escola da Ponte colaborou no desenrolar dos teus sonhos? De que forma? Conta uma situação ruim porque passaste na escola da Ponte e como a solucionaste. Conta uma boa situação, seu envolvimento e conseqüências. Fala um pouco sobre ti mesma.

Ex-aluna:

Eu tenho 15 anos, moro em Vila das Aves com os meus pais.

A decisão de estudar na Escola da Ponte foi tomada pelos meus pais. Não foi uma decisão fácil, uma vez que tinha tido uma má adaptação ao jardim infantil e os meus pais temiam que o mesmo



acontecesse na escola. O fato de as minhas primas terem estudado na Ponte e de esta ter um ensino inovador, que defendia a autonomia, a participação dos alunos nas decisões da escola, a valorização dos direitos e deveres cívicos, assim como da responsabilidade, foram aspectos que muito influenciaram a decisão dos meus pais.

A minha adaptação a esta escola foi rápida e muito fácil! Eu apenas chorava quando tinha de vir embora...

Durante 9 anos estudei na Escola da Ponte e fui "obrigada" a sair de lá, uma vez que o ensino não tinha continuidade no secundário (ensino médio). Atualmente, estudo na Escola Secundária de Caldas de Vizela. Frequento o décimo ano do curso de Ciências e Tecnologias, esperando um dia entrar para o curso de Medicina, de forma a poder vir a ser uma boa cirurgiã.

A Escola da Ponte fez-me acreditar que a realização dos sonhos é possível e que, para isso, basta lutar. O fato de me ter acompanhado ao longo de todos estes anos ajudou a crescer a criança que em mim existia e continua a existir, não só a nível intelectual, como a nível psicológico.

Todos os momentos vividos na Escola da Ponte são bons, maravilhosos, pois cada dia há algo de novo a registrar... Penso que a melhor foi numa assembleia em que festejávamos o dia da Liberdade (25 de Abril). Nessa assembleia várias pessoas falaram do tempo da opressão e da ditadura, assim como dos sentimentos que os levaram à revolta de forma a alcançarem a tão desejada liberdade. Após esta partilha, o Professor Zé pegou na sua viola e, todos juntos, cantamos hinos à liberdade, canções que tinham, de certa forma, marcado a sua vida. Enfim... foi lindo!

O momento mau também existiu, quando tive de lutar pela escola que frequentava e pela sua permanência! Havia pessoas que desejavam destruí-la, porém, todos juntos, conseguimos permitir às gerações vindouras desfrutar das qualidades desta escola, através de abaixo-assinados, reuniões, cartas...

Quanto a mim, pouco há a dizer. Penso ser uma pessoa que traz os ensinamentos da Ponte bem presentes e que ambiciona fazer deste mundo um local um pouco melhor para habitar!